



PROJETO DE LEI

Reconhece o Município de Brusque como Capital Catarinense da Moda.

Art. 1º Fica reconhecido o Município de Brusque como a Capital Catarinense da Moda.

Art. 2º O Anexo Único da Lei nº 16.722, de 8 de outubro de 2015, passa a vigorar com a redação constante do Anexo Único desta Lei.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões,

Deputado Carlos Humberto

ANEXO ÚNICO  
(Altera o Anexo Único da Lei nº 16.722, de 8 de outubro de 2015)

“ANEXO ÚNICO ATRIBUI ADJETIVAÇÃO

<b>Município</b>	<b>Título</b>	<b>Lei Original nº</b>
Brusque	Capital Catarinense da Moda	

(NR)“

Brusque é uma cidade que carrega em seu DNA o espírito do trabalho, da inovação e da excelência. Encravada no Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, sua trajetória confunde-se com a própria história do desenvolvimento da indústria têxtil no Brasil. Muito além de sua vocação industrial, Brusque construiu uma identidade única, marcada pela força de sua gente e pela capacidade de transformar desafios em oportunidades. Neste texto, exploraremos as origens, os marcos históricos e a relevância atual de Brusque, que consolidam seu merecido título de Capital Catarinense da Moda.

Brusque, localizada no Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, destaca-se como uma cidade cuja identidade está profundamente entrelaçada com a história, o desenvolvimento e a excelência do setor têxtil brasileiro. Por sua trajetória industrial e cultural, o município merece ser reconhecido oficialmente como a "Capital Catarinense da Moda". A cidade é marcada pelo pioneirismo, pela força de sua cadeia produtiva e pela relevância econômica que desempenha, não apenas em nível estadual, mas em todo o território nacional.

Conhecemos a tradicional história da fundação da cidade a partir daquele 4 de agosto de 1860, quando chegou em Brusque a primeira leva de imigrantes alemães sob o comando do Barão Maximilian von Schneeberg. Mas, quem eram esses imigrantes? A descrição que se tem da chegada deles é apenas textual, mas extremamente importante para compor a história da moda e do têxtil brusquense.

O primeiro documento que temos da cidade de Brusque são os escritos do diretor da Colônia, Barão de Schneeberg, de 1860, que cuidadosamente relatava dados quantitativos e alguns elementos sociais do local. Entre eles, registrou o primeiro tecelão e alfaiate, Augusto Höfelmann e João José Scharfenberg, que chegaram com a primeira leva em 1860. Em 1863, já eram oito o número de alfaiates.

Na primeira "Exposição da Sociedade Agrícola Colonial", evento onde eram expostos e premiados produtos desenvolvidos na Colônia, em 1872, já era possível observar os produtos de moda expostos. Entre arroz, açúcar, farinha de mandioca, haviam flores artificiais, quadros bordados, chapéus de palha de milho, pentes, calçados, meias, mantas bordadas e outros descritos como "trabalhos de senhoras", inclusive muitos deles premiados.

O constante contato com a Europa colocou Brusque em situação privilegiada. Diversos produtos tinham que ser importados. Entre eles, as fazendas, como eram chamados os tecidos, e os aviamentos, que vinham acompanhados de cartões postais, revistas de moda e cartas. O que permitia que os modelos confeccionados em Brusque se aproximassem daqueles que estavam na moda na Europa no período.

A partir do final do século XIX, Brusque passa a se destacar como um centro de excelência têxtil. Imigrantes europeus, especialmente vindos da Alemanha, da Polônia e também da Áustria e Itália, foram fundamentais na construção dessa identidade. A primeira iniciativa de indústria propriamente dita ocorreu através do empresário João Bauer, conhecido vendeiro do fim do século XIX. Entre as profissões, os vendeiros obtinham destaque na colônia, sendo grandes responsáveis pela economia. Nessa ocasião, no entanto, o empreendimento têxtil não prosseguiu e foi em 1892, por iniciativa de outro vendeiro – Karl Christian Renaux, que a tecelagem industrial veio a se consolidar em Brusque.

Karl Christian Renaux, que se tornou conhecido como Cônsul Carlos Renaux, um imigrante alemão nascido em Loerrach, chegou ao Brasil em 1882. Após estabelecer-se como comerciante de sucesso em Brusque, Carlos Renaux vislumbrou o potencial da indústria têxtil na região. Em 11 de março de 1892, dia em que completava 30 anos, fundou a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, a primeira do gênero a se consolidar em Brusque. A iniciativa contou com a parceria dos comerciantes Augusto Klappoth e Paul Hoepcke. A chegada de tecelões provenientes da região têxtil de Lodz, na Polônia, foi decisiva para a implantação da indústria têxtil em Brusque, pois

eles detinham o conhecimento necessário para transformar fios de algodão em tecido. O trabalho na fábrica iniciou com cerca de oito teares manuais e funcionando junto a sua venda. Mais tarde foram adquiridos, da Inglaterra, 30 teares manuais usados. E, com o passar do tempo, outros mecanizados foram comprados. As primeiras produções eram simples e se destinavam especialmente para o consumo local. Eram, no entanto, de extrema importância para uma época onde a importação era difícil.

A Fábrica de Tecidos Carlos Renaux enfrentou diversos desafios em seus primeiros anos, incluindo a falta de operários qualificados e a necessidade de importar fios tingidos da Europa, o que encareceu a produção. No entanto, a perseverança de Renaux e de sua equipe permitiu que a empresa superasse essas dificuldades.

Os investimentos na Fábrica de Carlos Renaux foram constantes. Em 1900 a empresa comprou uma fiação, a primeira do estado de Santa Catarina, e Brusque ficou conhecida como “Berço da Fiação Catarinense”. Na ocasião foi comprada uma fiação de 1000 fusos da empresa inglesa Platt Brothers & Co. Para montagem das máquinas foi contratado, da Alemanha, o técnico Gustav Walter Bueckmann, especialista em fiação, que instalou a nova unidade. Essa inovação permitiu à empresa produzir sua própria matéria-prima, reduzindo custos e aumentando a competitividade.

Para complementar a produção, uma tinturaria foi instalada junto à fábrica. E embora inicialmente o tingimento fosse bastante rudimentar, este setor contribuiu para o desenvolvimento de novos produtos. Mais tarde a fábrica Carlos Renaux importou uma caldeira a vapor alimentada por lenha. Finalmente em 1913, por meio de uma pequena usina construída em Guabiruba, foi instalada a energia elétrica em Brusque, o que contribuiu significativamente para o aumento na produção de tecidos.

A produção inicial da fábrica consistia em artigos simples, como os chamados "suíços", que incluíam algodão xadrez vermelho e branco e riscados para camisas e calças destinadas ao consumo regional. Devido às dificuldades de venda, frequentemente a fábrica ficava parada durante semanas, o que dificultava a manutenção de uma equipe de operários experientes. No entanto, com o tempo, a qualidade dos produtos e a reputação da empresa cresceram, consolidando a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux como uma das principais indústrias têxteis do país.

Em 1918, a empresa foi transformada em uma sociedade anônima, sob o nome de Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S.A., tendo os filhos e filhas de Carlos Renaux, e respectivos sogros, como acionistas. Seu filho Otto Renaux foi eleito presidente. A partir desse momento, a empresa continuou a crescer e a inovar, acompanhando as tendências e demandas do mercado têxtil nacional e internacional.

A segunda manufatura têxtil de Brusque foi uma empresa de bordados finos, a E. V. Buettner e Cia., que durante algum tempo manteve em paralelo aos negócios têxteis o beneficiamento de produtos coloniais. A precursora da Buettner S/A Indústria e Comércio surgiu em 1898, fundada por Albertine Burow, esposa do vendeiro Eduard von Buettner, em sociedade com o filho mais velho do casal, Edgar. A origem da empresa Buettner guarda relação com a produção artesanal de aventais e toalhas bordadas por Albertine. Foi ela quem iniciou a primeira confecção em Brusque. Talhava pessoalmente aventais que mandava costurar por mulheres costureiras da vila. Quando Eduard, seu esposo, faleceu em 1902, Albertine precisou tomar as rédeas dos negócios da família. Juntos, mãe e filho estabeleceram uma firma individual para fabricar bordados finos, que se especializou em cortinados e foi a primeira do Brasil no gênero, comprando, entretanto, o tecido já pronto para ser bordado. Depois a Buettner passou a importar armações para sombrinhas – proteção imprescindível das peles claras das mulheres europeias em nosso país tropical - as quais então eram forradas com filó – também importado – e bordadas com as máquinas à manivela, trazidas por Edgar von Buettner da Alemanha. A empresa começou pequena, com duas máquinas a pedal nas quais se confeccionava sombrinhas, aventais, cortinas, mosquiteiros e pano de bordar.

Graças ao empenho pela qualidade, a partir de 1906 novas oportunidades foram surgindo para a Buettner, que teve seus artigos especiais, as cortinas bordadas, encomendadas para as repartições públicas do Rio de Janeiro (Palácio Monroe, Rio Negro, do Catete, Biblioteca Nacional).

Depois no mercado local, que se estendeu pelo estado. O primeiro absorvedor dos tecidos bordados foi o Rio de Janeiro e, no Nordeste, a Bahia. Seu mercado era constituído principalmente por pessoas abastadas, mas também pela classe média, atendendo ao costume de presentear as filhas com guarnições bordadas para o enxoval. Certo tipo de mercadoria era também despachado para a Alemanha, constando como atraentes os motivos brasileiros nos padrões. Com a expansão do mercado, o estabelecimento fabril consolidou-se, deixando de depender dos altos créditos particulares. Em 1912 a firma, sob influência do político itajaiense Lauro Müller, então Ministro das Relações Exteriores, obteve o primeiro crédito bancário. Os bordados da fábrica Buettner foram várias vezes premiados em exposições no Brasil e no exterior.

A guerra traria mudanças na organização interna da firma que, lentamente, passou para o ramo da tecelagem, sem, contudo, abandonar os bordados. Dois teares foram adquiridos para a fabricação de tecidos e a atividade têxtil teve início em 1915 com a instalação de uma pequena tecelagem, branqueamento e tinturaria do fio, objetivando suprir as dificuldades existentes, como falta de mão de obra especializada e alto custo do material importado. Após o término da Primeira Guerra Mundial, Edgar Von Buettner viajou à Alemanha e adquiriu novas máquinas para tecelagem de algodão, as quais foram instaladas e deram início à produção de tecidos mais sofisticados, como étamines, rendados e filó para mosquiteiros. A partir de então, a diversificação da sua linha de produção tornou-se uma constante e a empresa tomou grande impulso. Modernizando ainda mais suas instalações e ampliando continuamente os seus negócios, a empresa teve grande ascensão e se transformou numa das três principais indústrias têxteis de Brusque.

Outro nome emblemático dessa trajetória é Gustavo Schlösser, tecelão oriundo da cidade de Lodz, Polônia, que chegou em Brusque em 1896. Foi contratado por Carlos Renaux para desempenhar a função de técnico na Fábrica de Tecidos, onde trabalhou por quinze anos.

Em 1911, Gustav e os filhos Hugo e Adolph fundaram a Gustav Schlösser & Filhos, cuja razão social mais tarde passou para Cia. Industrial Schlösser. Inicialmente, contaram com dois teares manuais, sendo um deles um tear jacquard para a produção de toalhas de mesa e rosto, adquirido com o crédito concedido por Carlos Renaux, que se encarregou, também, do fornecimento de fio. Inicialmente, a produção Schlösser era vendida aos comerciantes Renaux, Bauer e Buettner. Sua produção inicial era modesta, mas marcou o início de uma era de prosperidade que acompanharia Brusque ao longo do século XX.

Em 1914, após a chegada da energia elétrica em Brusque, a empresa importou oito teares da Saxônia. Mais tarde, em 1924, inaugurou sua própria tinturaria e, em 1938 uma moderna fiação foi adquirida, passando a fabricar os fios para o próprio consumo. Logo, o parque fabril da G. Schlösser & Filhos contou com fiação, tecelagem, tinturaria, estampa e acabamento, contribuindo significativamente para a economia da cidade. No ano de 1933, a firma é transformada em Sociedade Anônima, passando a ser denominada “Companhia Industrial Schlösser”, um ícone da produção têxtil local. O espírito empreendedor desses pioneiros e a persistência em estabelecer uma indústria sólida transformaram a cidade em referência.

Vale também mencionar a alfaiataria em Brusque. A Alfaiataria Krieger foi a pioneira na indústria de confecção, embora houvesse muitos alfaiates na colônia, foi Gustavo Krieger quem iniciou o empreendimento. Fundada em 1898, iniciou sob a denominação de Alfaiataria Elegante e com o passar dos anos se tornou uma conhecida confecção. A empresa atuou durante 101 anos, ficando na memória de muitos.

Gustavo Krieger, ainda jovem aprendeu o ofício de alfaiate em Florianópolis, profissão relevante para a região de Brusque. Depois de aprender todos

os segredos da profissão, ao retornar a Brusque, em 1898, iniciou como profissional, abrindo seu próprio negócio - a Alfaiataria Elegante, que acompanhava a moda, por meio dos figurinos (revistas) europeus. Em 1946, seus filhos, os irmãos Axel e Nilo, deram continuidade ao empreendimento e investiram na alfaiataria, inaugurando a Irmãos Krieger. Além da confecção de ternos, os irmãos investiram em um mix de produtos de moda, como camisas da marca, meias, gravatas, e chapéus, que complementavam o negócio.

**Primeiro Desfile de Moda em Brusque** Os anos 1950 ficaram mundialmente conhecidos por suas significativas transformações. Receberam, assim, a terminologia de Anos Dourados. Os desfiles de moda foram importantes eventos no período. As empresas brusquenses iniciaram um forte investimento em suas produções, já fazendo uso do marketing como elemento de propagação. Além de propagandas em jornais e revistas, as empresas organizaram eventos de destaque – o primeiro desfile. O primeiro desfile de moda da cidade de Brusque ocorreu em 1952. Na ocasião, 42 modelos participaram do evento, filhas de associados do Clube Atlético Carlos Renaux apresentaram graça e elegância na passarela. O desfile resultou em considerável repercussão e contou com a presença de ilustres convidados, dentre eles: o governador do Estado de Santa Catarina, Irineu Bornhausen; o presidente da Assembleia, deputado Protógenes Vieira; o deputado Celso Ramos Branco; o prefeito de Brusque, Mário Olinger; e o prefeito de Florianópolis, Paulo Fontes.

O evento ecoou em todo estado de Santa Catarina. Jornais e revistas deram ênfase ao assunto, destacando a magnitude do acontecimento em seus aspectos econômico e social. A revista “O Vale de Itajaí” publicou onze páginas ilustradas e comentadas, afirmando que “somente um termo pode exprimir o que foi o espetáculo proporcionado pelas indústrias de Brusque, com o desfile de modas, com os tecidos confeccionados pelas firmas deste importante parque industrial catarinense: maravilhoso.

Brusque também é reconhecida por abrigar, de forma rara no Brasil, toda a cadeia produtiva da moda. Aqui se inicia o processo com a chegada do algodão, que é transformado em fio, depois em malha, passa pelo tingimento nas maiores tinturarias do país e segue até a confecção das peças de vestuário prontas. Esse ciclo completo é um privilégio que poucas cidades brasileiras possuem e garante a Brusque uma vantagem competitiva notável.

A vocação comercial da cidade também tem raízes históricas. Durante décadas, a Rua Azambuja foi considerada o maior centro de pronta entrega do Brasil. Em seu auge, chegou a abrigar mais de mil lojas, com comerciantes de todo o país visitando a cidade para realizar suas compras. Brusque transforma-se na “Capital Nacional do Turismo de Compras” ou “Polo da Pronta Entrega”. A cidade iniciou com um grande shopping ao “céu aberto”, e a força da rua Azambuja projetou Brusque nacionalmente e consolidou sua fama como polo comercial da moda.

Após o sucesso da rua Azambuja nos anos de 1980, foi a vez de outras regiões da cidade se despontarem com seus centros de vendas. Eram muitos os ônibus vindos de outras cidades catarinenses e até de outros estados. As lojas localizadas nas ruas já não davam conta de recebê-los, e o momento era propício para reorganizar esse sucesso repentino do setor de confecções em Brusque.

A partir de uma visão empreendedora, foi implantada em Brusque, em 1991, a FIP – Feira da Moda, na época um dos maiores empreendimentos do segmento de confecções no Sul do Brasil. Inicialmente com 48 lojas, e logo o espaço foi expandido, com salas comerciais organizadas, dando origem aos shoppings de compras de atacado da cidade. Em 1995 ocorreu a implantação de outro grande empreendimento no setor, Stop Shop – O Ninho da Moda. Esse amplo crescimento impulsionou ainda mais o desenvolvimento de Brusque, favorecendo a economia e o turismo e, por consequência, a qualidade de vida de seus moradores. Atualmente temos shoppings exclusivamente de compras de atacado, que recebem turistas e compradores de todo o Brasil. Em destaque, podemos citar o Catarina Shopping, Master Shopping e All Shopping.

Também merece destaque a Pronegócio, realizado pela AmpeBr (Associação das Micro e Pequenas Empresas de Brusque) algumas vezes por ano, com o objetivo de facilitar as negociações entre marcas catarinenses e lojistas do Brasil, e movimentar a economia local. O evento é considerado a maior Rodada de Negócios de confecção do país, e nele é apresentando o que há de melhor das coleções de Inverno, Primavera/Verão, Alto Verão e Outono/Inverno, produzido em Brusque e região.

Além disso, Brusque foi berço de importantes marcas do setor, muitas delas pioneiras em franquias de moda em Santa Catarina, como Colcci, Two Em, Fry Works, Beach Country, entre outras. Essas marcas, fundadas e desenvolvidas no município, não apenas consolidaram sua presença no mercado nacional, como também abriram caminho para o fortalecimento da identidade fashion da cidade.

A moda tem sido uma preocupação para a cidade. Instituições como a AMPEBr, a ACIBr - Associação Empresarial de Brusque, sindicatos e instituições de ensino, tem atuado para impulsionar o sistema de moda em Brusque. Os cursos preparatórios e profissionalizantes iniciaram junto com a indústria têxtil, dentro das próprias fábricas, nas casas, e posteriormente em instituições especializadas. O saber era passado e repassado de geração em geração. Técnicos, modistas e costureiras vinham do exterior para ensinar. A partir de 1957, o SENAI se instalou em Brusque para inicialmente atender o setor têxtil, e posteriormente foram criados diferentes cursos voltados ao vestuário e à moda. Iniciado em 2004, o Curso de Design de Moda da UNIFEBE (Centro Universitário da Fundação Educacional de Brusque) se destaca no segmento, realizando desfiles, convênios, palestras, viagens internacionais e cursos de extensão, proporcionando formação e colocando a moda em movimento na cidade. SENAC e Uniasselvi também disponibilizam cursos voltados para a moda e sua cadeia produtiva.

Atualmente, Brusque é o maior polo têxtil do estado de Santa Catarina e um dos maiores do país. Segundo levantamento da Prefeitura Municipal de Brusque, o setor têxtil local lidera na geração de empregos e renda. Em 2023, por exemplo, o segmento foi responsável por mais de 3 mil novas admissões, sendo o maior gerador de empregos na cidade. A força produtiva local contribui não apenas para a economia regional, mas também para a formação de mão de obra especializada. Dentre as mais de 3 mil empresas de fabricação de produtos têxteis e confecção de artigos do vestuário de Brusque está a Florisa, maior tinturaria da América, com mais de 50 anos de existência e 500 funcionários. Atualmente a Florisa atende o Brasil inteiro e é referência internacional, consolidando o município como responsável por abrigar um terço de todas os estabelecimentos industriais do segmento têxtil no estado e centro de referência em tecnologia, inovação e moda.

Diante de sua trajetória histórica, da relevância econômica, da vocação empreendedora e do protagonismo na cadeia produtiva da moda, Brusque tem todos os méritos para ser reconhecida oficialmente, como a Capital Catarinense da Moda. A história da cidade é, em grande parte, a própria história do setor têxtil em Santa Catarina e no Brasil. Tal reconhecimento seria não apenas simbólico, mas um tributo justo ao esforço coletivo de gerações que construíram, com trabalho e visão, esse patrimônio industrial e cultural. Ante ao exposto, solicitamos aos Pares o apoio para tramitação e aprovação da presente proposta.

Sala das sessões,

**Deputado** Carlos Humberto



ELEGIS  
Sistema de Processo  
Legislativo Eletrônico

Documento assinado eletronicamente por **Carlos Humberto Metzner Silva**, em 13/05/2025, às 14:53.

---